
REVISTA TAKA'A

REFLEXÕES DO PROJETO ASIE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA APIAKÁ: CONEXÕES EM PESQUISA

REFLECTIONS OF THE ASIE PROJECT IN APIAKÁ INDIGENOUS SCHOOL EDUCATION: CONNECTIONS IN RESEARCH

Ivanete Krixí
Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Krixí Apiaká-Juara-MT
<https://orcid.org/0000-0001-9432-9947>
ivanete.krixí@hotmail.com

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat
<https://orcid.org/0000-0001-5949-7590>
waldineiaferreira@unemat.br

RESUMO

Este artigo traz um recorte e reflexão do trabalho de pesquisa de mestrado do programa de pós-graduação *stricto sensu*, em *Ensino em Contexto Indígena Intercultural*, pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. O objetivo é apresentar uma reflexão das interligações existentes em processo de formação e contribuições do projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola-ASIE*. O artigo aborda um pouco da história do povo Apiaká, que sofreu, historicamente, massacres e um contato que levou à desarticulação e desorganização. Com isso, foi preciso muito esforço para nos organizarmos novamente, sendo uma das ações a valorização da pedagogia Apiaká, na aldeia *Mayrob*, município de Juara-MT. O projeto ASIE é parte de uma formação que trouxe contruições para o processo de alfabetização, na educação escolar indígena específica, intercultural e diferenciada e no desenvolvimento da pesquisa de mestrado.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Formação Inicial. Formação Continuada. ASIE.

ABSTRACT

This article presents an excerpt and reflection from the master's research work of the *stricto sensu* postgraduate program in Teaching in an Intercultural Indigenous Context, at the State University of Mato Grosso-UNEMAT. The objective is to present a reflection on the interconnections existing in the training process and contributions of the Indigenous Knowledge Action in Schools-ASIE project. The article addresses a little of the history of the Apiaká people, who have historically suffered massacres and contact that led to disarticulation and disorganization. As a result, it took a lot of effort to organize ourselves again, one of the actions being the valorization of Apiaká pedagogy, in the Mayrob village, municipality of Juara-MT. The ASIE project is part of a training that brought constructions to the literacy process, in specific, intercultural and differentiated indigenous school education and in the development of the master's research.

Keywords: Indigenous School Education. Initial Training. Continuing Training. ASIE.

INTRODUÇÃO

O que trazemos, nesse texto, é apenas um recorte das reflexões iniciais da pesquisa realizada no interior do programa de pós-graduação *stricto sensu*, em *Ensino em Contexto Indígena Intercultural*, e se refere às interconexões do desenvolvimento da docência na aldeia, no curso de Pedagogia Intercultural, pela Faculdade Indígena Intercultural-UNEMAT, na formação continuada no mestrado e na ação junto ao projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE)*¹.

Portanto, o objetivo do texto é, do lugar de pesquisadoras, refletir e utilizar das narrativas neste constructo, uma vez que as autoras estiveram embricadas nos momentos de formação no curso de Pedagogia Intercultural, no Mestrado e no desenvolvimento do projeto ASIE. Os pontos abordados terão como elemento de análise-reflexiva a textualidade construída dentro da pesquisa que se efetivou no programa de mestrado.

Assim, destaca-se o uso da narrativa como ferramenta metodológica, por permitir que o foco esteja centrado na experiência da pessoa que narra. Portanto, pretendemos, com o uso da narrativa e da auto-narrativa, descrever as compreensões que temos construído em processo de pesquisa qualitativa-participante da etnografia escolar (André, 2005), acerca dessas articulações das formações, com ênfase nos significados que o projeto ASIE tem para a educação escolar

¹ A Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE) é uma conquista das lutas e reivindicações do Movimento Social de Educadores Indígenas durante a I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (I CONEEI), ocorrida em dezembro de 2009, na cidade de Luziânia-GO (Luciano et al., 2019, p. 31)

indígena na aldeia Mayrob, do povo Apiaká.

Este artigo está organizado com os seguintes tópicos: um pouco da história Apiaká, em que trazemos sobre o povo, as situações difíceis de massacres, mas também, a resistência Apiaká; narrativas conectadas; falamos do projeto *Ação Saberes Indígenas na escola* e as contribuições para a realização da pesquisa de mestrado, trazendo as vivências nos cursos interculturais que se conectaram a esse projeto e, assim, as contribuições vão em direção à comunidade e à escola indígena.

Um pouco da história Apiaká

O povo Apiaká, da aldeia Mayrob, é parte integrante de todos os Apiaká que estão distribuídos aqui no Território Apiaká-Kayabi, no Rio dos Peixes, em Mato Grosso, no curso baixo dos rios Juruena e Teles Pires, na Terra Indígena Kayabi, confluências de dois estados, Mato Grosso e Pará, na Terra Indígena Munduruku, no estado do Pará e na Terra Indígena Pontal dos Apiaká, no estado de Mato Grosso (Tempesta, 2010).

Trata-se de um único povo presente em toda a Amazônia meridional, geralmente, às margens, ou nas proximidades dos formadores dos rios Arinos, Juruena e Teles Pires, uma hidrologia que está na fronteira do estado de Mato Grosso, Amazonas e Pará, sendo formadores do rio Tapajós. Também há a presença de muitos Apiaká nas cidades dos estados já citados no texto.

Os Apiaká sofreram historicamente como muitos outros povos indígenas, conforme o histórico, no final do século XIX e o início do século XX. Os sofrimentos causados pelas doenças e pelos massacres da frente extrativista da borracha, pelos coletores de impostos, do norte do estado de MT, fizeram com que o povo fosse quase dizimado. Dessa situação, a qual foram expostos, sobreviveram apenas 37 pessoas. Uma situação que desarticulou a organização social, enquanto povo Apiaká, pois as mortes levaram a maneira de fazer rituais, levaram a cultura e deixou sofrimento.

Os massacres fizeram um mal muito grande ao povo, nos dizimaram e fomos obrigados a fazer os casamentos mistos. Essa miscigenação e também a integração, de maneira obrigada, da economia trabalhando com seringueiros, por exemplo, trouxe um grande impacto para a perda da língua e de uma boa parte de nossa cultura, situação que ocorreu em meados do século XX (Krixi, 2024, p.25).

Esse processo violento sofrido pelo povo Apiaká, pelas doenças e pelos massacres, fez com que pesquisadores afirmassem que o povo Apiaká estava extinto. Essa afirmação foi feita por dois importantes etnólogos, Darci Ribeiro e Curt Nimuendaju (ISA)². Porém, mesmo com massacres, epidemias, catequização e abandono governamental, os Apiaká resistiram como coletividade.

Essa resistência se fez, mediante uma reorganização do povo, se reunindo e pela interpretação do que havia passado, buscando uma luta política que pudesse assegurar a sobrevivência e a reorganização dos territórios. Esses impactos contribuíram drasticamente para que os Apiaká, na atualidade, não falem mais a língua originária e, como consequência, têm o português como primeira língua.

Toda a história do povo Apiaká é de luta, de acordo com Tempesta (2010), a existência como povo é uma prova de resistência em que convida à reflexão antropológica. Nesse período temporal, buscou-se uma re-existência, na TI Apiaká-Kayabi, aldeia Mayrob, fundada em 1982, pelo senhor Alberto Morimã. É nessa aldeia que os complexos da educação escolar indígena e da formação e interconexões de formações aconteceram.

Porém, ainda dentro da questão histórica que estamos discutindo, mesmo com tantos problemas em relação aos Apiaká, é necessário afirmar que a luta tem dado certo, pois, atualmente, a população Apiaká cresceu e buscam, em todos os territórios, manter e valorizar a educação tradicional, no entanto, ao que se refere à língua originária, esse tem sido o maior desafio.

A história dos Apiaká é feita de lutas, resistências e re-existências, a partir da reorganização das vivências próprias, dentro do território brasileiro e das participações políticas em diversos campos, como educação, saúde e lutas constantes pelo território, porque o território assegura a vivência Apiaká.

Narrativas conectadas

As narrativas que aqui se encontram também poderão ser encontradas na produção da dissertação que tem como título: “Pedagogia Apiaká na aldeia Mayrob de Juara-MT:

² <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apiaka>

contribuições no processo de alfabetização.” Elas são as reflexões realizadas em processo de pesquisa, um encontro das nossas histórias narradas pela autora da dissertação.

Para pensar a alfabetização Apiaká, foi necessário pensar a história Apiaká, as situações sociolinguísticas e, também, o processo da produção da formação da pesquisadora e/ou das pesquisadoras. À medida que a pesquisa foi se efetivando, observamos o quanto o movimento da vida estava presente em sua composição, assim, em escrita memorial, de narrativas reflexivas, apontamos que o projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola* tem uma significância muito forte na produção da pesquisa.

Historicizamos que a primeira autora deste texto tornou-se professora na aldeia, antes de ter uma formação profissional para a docência, mas que depois cursou Magistério Indígena Intercultural, projeto Hayô, que era organizado em polos. Ela participou do polo de Juína-MT e, na época, eram 298 professores-alunos/as. O projeto atendia 36 municípios do estado de Mato Grosso. A professora Ivanete Krixi, concluiu o ensino fundamental e médio no Magistério Intercultural. “Era um curso de formação para professores indígenas do estado de Mato Grosso e era de maneira intercultural, com representação de diferentes etnias, línguas e culturas de povos originários” (Krixi, 2024, p.16).

Assim, a primeira autora permaneceu como professora na aldeia Mayrob, sempre com o apoio da comunidade. Finalizou o Magistério Intercultural, e com planos de melhorar a atuação profissional e de continuar atendendo à comunidade, prestou vestibular específico na Universidade do Estado de Mato Grosso, e ingressou no curso de Pedagogia Intercultural, ofertado pela Faculdade Indígena Intercultural. Junto à Universidade do Estado de Mato Grosso experienciamos diferentes tipos de conexões que se deram não apenas na formação inicial do curso de Pedagogia, em Barra do Bugres, mas também, nos projetos de extensão no Campus de Juara-MT. Um movimento que foi sendo criado entre laços profissionais, e outros laços de comprometimento, de interculturalidade e de decolonialidade. Um processo de aprendizagem em formação que foi se constituindo em diálogos, planejamento, eventos, escritas, enfim... Uma vivência construída pedagogicamente no sentido Freireano (2004) com pesquisa, rigorosidade, amorosidade e humildade.

Os cursos interculturais e muito mais a Pedagogia Intercultural possibilitou um amadurecimento em nós, no nosso jeito de pensar, de ver o mundo, de compreender a história de cada povo e, também, refletir analiticamente as causas que levaram os Apiaká a ter a língua portuguesa como primeira língua.

A maioria das mobilizações e conexões de formações, sendo elas iniciais ou continuadas pelos projetos e mesmo pelo mestrado, nos levava a refletir como efetivar e como fortalecer uma Pedagogia Apiaká no processo de alfabetização/letramento que dialogasse, de alguma forma, com a língua originária.

Essa não é uma busca única, pois ela reflete o coletivo e já houve na comunidade ações dentro da sociopolítica linguística, com a finalidade de melhor conhecer a língua originária. Como exemplo disso, citamos o trabalho junto com a Universidade de Brasília-UNB, resultando na publicação de um livro.

Depois, também, junto à Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus de Juara-MT, veio o projeto, “Novos Talentos em Educação, Meio Ambiente e Diversidade do Vale do Arinos-MT”, este tinha vários subprojetos, entre eles: “Interculturalizando talentos: articulações entre linguagens, história étnico-cultural e educação ambiental em escolas indígenas”. Foi um projeto desenvolvido sobre círculo de cultura e pesquisa participante, atendendo três escolas indígenas dos povos Apiaká, Kayabi e Munduruku, na Terra Indígena Apiaká-Kayabi (Oliveira, Nascimento e Ferreira, 2015).

Pelo que pudemos observar, a formação inicial sempre esteve associada à formação continuada, uma realidade de formação vivenciada nas comunidades indígenas de Mato Grosso, diante do processo histórico vivenciado. Este projeto possibilitou reflexões de toda a comunidade para pensar sobre a situação sociolinguística Apiaká. Assim, as autoras, sob processo de escuta, amadureciam as questões da língua; uma sob o sentimento de fazer parte, e a outra sob a escuta de um sentimento outro, enquanto ameríndia e pesquisadora. Os avanços e registros de palavras novas eram pensados como possibilidades de uma política dentro da educação escolarizada.

No curso de Pedagogia Intercultural, a convivência com falantes de línguas originárias possibilitava reflexões acerca do fortalecimento linguístico Apiaká, além disso, os trabalhos do projeto PIBID-Diversidade também possibilitaram que seguíssemos essa lógica.

Ainda que traga vários projetos, participação de universidades, é preciso mencionar que esses trabalhos foram tomando forma, porque os mais velhos e as lideranças, a comunidade como um todo, os professores e professoras entenderam a necessidade da comunidade, “[...] das nossas crianças conhecerem a língua do nosso povo, buscaram, junto à escola, fortalecer a ideia junto aos professores que estavam atuando nos cursos de formação e, também, em sala de aula” (Krixi, 2024, p.15). Atualmente, essa política linguística é mais forte na escola.

Todos os projetos e todas as ações são e foram importantes, porém, um projeto que tem permanecido junto à comunidade, que articulou com a formação inicial, e muito contribuiu para a pesquisa de mestrado foi o projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola*. É um projeto importante pela compreensão da alfabetização, utilizando o letramento, assim como, o curso de Pedagogia Intercultural, pedagogicamente, com ações complementares.

No ASIE, essas autoras se interconectaram em análises, reflexões e formações, uma autora dentro do projeto, desenvolvendo a ação de professora formadora, e a outra na função de coordenadora dentro da aldeia, contribuindo com estudos e planejamentos de aulas, processos de revitalização da língua originária, que resultaram em um trabalho coletivo de produção de livros que auxiliam na educação escolar indígena Apiaká e, também, no desenvolvimento da pesquisa de mestrado. Assim, para pensar a pesquisa de mestrado, foi preciso articular os saberes constituídos via projetos e o ASIE.

Nesse sentido, assim como a pesquisa de mestrado, identificamos que são ainda grandes os desafios e que essa ação é um continuum necessário na construção de um letramento Apiaká, que perpassa a língua, e que, também, se assenta na cultura e nas dinâmicas atuais do povo Apiaká. Como afirma Krixi *et al* (2022), os desafios são enormes para estabelecer diretrizes de letramento nessa comunidade; certamente há mais peculiaridades não mencionadas, e o auxílio de um linguista é fundamental, além de falantes.

O projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola* está em vigor, desde 2016, na aldeia Mayrob, e é desenvolvido sob a coordenação geral da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Até o ano de 2023, contou com três professores (dois efetivos e uma interina) da Universidade do Estado de Mato Grosso, na orientação e acompanhamento do Pólo Juara – Sinop, atendendo os povos Apiaká, Kayabi, Munduruku, Kayapó e Terena.

Durante esse período, foram muitos estudos e formações que ocorreram em Cuiabá, no Território Apiaká-Kayabi e na aldeia Mayrob. A última formação na minha aldeia ocorreu no ano de 2023, com discussões sobre a etnomatemática dos povos Apiaká, Munduruku e Kayabi no processo de alfabetização matemática (Krixi, 2024, p.14)

O projeto contribuiu sobre o pensar a alfabetização e o letramento, na constituição da pedagogia Apiaká que é feita sob a compreensão da cultura, estabelecendo nexos entre outros saberes, uma pedagogia que está na vivência, na aldeia e nas compreensões da história que é

utilizada na educação escolar indígena Apiaká. Assim, o ASIE tem contribuído muito com/para ações pedagógicas da escola. Vejamos:

Para nós, o Projeto Saberes Indígenas na escola é um instrumento pedagógico que foi almejado pela comunidade, principalmente, a questão da língua materna no ensino e em quaisquer outros direitos da comunidade. Uma das maiores contribuições que o projeto trouxe foi o fortalecimento da língua materna a partir do letramento e também as produções dos materiais pedagógicos que auxiliam na aprendizagem tanto dos professores, quando elaboram coletivamente, quanto dos alunos que participam e que, mesmo depois, utilizam esse material na escola (Krix, 2024, p.15).

Conforme Ferreira *et al* (2020), o projeto tem construído materiais pedagógicos que colaboram com a educação escolar indígena, conectados a sua política linguística, sempre considerando a situação sociolinguística do povo. Acima de tudo, o projeto é um espaço de formação continuada, de constante reflexão e organização didático-pedagógica, sempre a partir do processo de escuta daquilo que mais incomoda e se torna necessário dentro desta dimensão escolar. E tudo isso se dá de maneira intercultural e bilingue, ainda que dentro de uma política linguística simbólica (Brasil, 1998) e de resistência.

Essa perspectiva da construção do material pedagógico se sustenta na produção protagonizada do que tem sido denominada de material próprio e, estes, ao serem pensados e mediatizados, junto à comunidade, se enxarca de uma significatividade da vida e da cultura que, em e com cuidado, é transferida para a escrita (Ferreira *et al*, 2024).

Ao escrever os materiais pedagógicos, dentro do projeto ASIE, mobiliza-se toda a comunidade; a aldeia se torna espaço de discussão de definições, do que conterà no material e, portanto, no currículo escolar, uma vez que os materiais produzidos são feitos com todos: crianças, jovens e adultos. Todos aprendem e reaprendem e produzem a habilidade do registro e da prática pedagógica. Esse movimento vivido no ASIE, também, foi vivido na produção da pesquisa do mestrado, uma aprendizagem que não é apenas do projeto, mas que transita na postura da pesquisadora e, mesmo não conseguindo voltar a fluência no idioma, a cultura que compõem o letramento Apiaká, os sentidos das coisas e os significados estão presentes na ação, na vivência na aldeia e na escola, pois como diz Meliá (1999), há uma variedade de povos indígenas com suas línguas e culturas, mas, às vezes, sem suas línguas, permanecem com suas culturas.

É possível dizer que, mesmo não havendo falantes, a política linguística e cultural dos Apiaká está encarnada, sobretudo, nas manifestações de uma educação escolarizada, ressignificada e protagonizada em busca do fortalecimento do povo em diferentes dimensões. Entre elas, a própria política linguística, que também é feita pelo letramento, contextualizando a escrita e identificando o uso oral da língua originária e da língua portuguesa dentro da comunidade, identificando a língua portuguesa, inclusive, como primeira língua, ou a língua de comunicação e articulações políticas (Krixí, 2024, p.21).

É aqui que se encontra as contribuições do ASIE para a produção da pesquisa do mestrado e para a escola indígena, pois o mestrado é profissional e foi preciso criar um produto educacional, e isso só é possível pelo desenvolvimento profissional da docência em sala de aula.

As aprendizagens do curso de Pedagogia Intercultural e do ASIE contribuíram para a mobilização de estratégias de pesquisa e de trabalho pedagógico, junto aos estudantes dos anos iniciais da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Krixí Apiaká, com a realização de um trabalho de abordagem multiétnica e dentro de uma política linguística, ao trabalhar sobre a etnicidade dentro da aldeia, os saberes do território, os saberes cosmológico, uma organização didática construída junto aos estudantes, em sistema de pesquisa e em colaboração com a comunidade.

Pode-se dizer que houve uma complementaridade de formações, uma complexidade em situações de formação inicial, continuada, e reflexões analíticas e propositivas de ações pedagógicas importantes na e para a educação escolar indígena. As contribuições do ASIE permeiam a escola e os produtores de saberes escolarizados, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras indígenas e contribuem, ainda, para a aprendizagem dentro da escola.

O Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola trouxe para mim uma experiência a mais como professora alfabetizadora e como coordenadora à frente dos trabalhos a serem desenvolvidos na escola junto com outros professores bolsistas e não bolsistas, compreendi o quanto é importante a preservação e revitalização da língua materna e o processo de alfabetização e que precisamos de financiamento para publicação e dos colaboradores das universidades. Contudo, o que se caracteriza como de extrema importância é o trabalho da escola indígena, dos professores indígenas e dos alunos que fazem e protagonizam o projeto e somos nós que, com a nossa pedagogia indígena que é ensinada pelos pais tios avós e comunidade quem precisamos manter viva a língua e a cultura de nosso povo (Krixí, 2024, p.22.)

É assim que encerramos esta discussão, mostrando que existe uma complexidade de colaborações na efetivação de uma educação escolar indígena própria, pensada pelos próprios

povos indígenas. Sobre isso, é importante salientar, também, que atualmente as universidades têm colaborado com pensamento, principalmente, aquelas que têm professores e professoras que conhecem os povos indígenas e que se dedicam ao compromisso de colaborar com as reflexões do campo da educação escolar indígena.

Por meio dessa reflexão, apontamos que o Projeto ASIE tem sido um elemento estratégico dos povos indígenas, em nosso caso, do povo Apiaká, em não apenas produzir as reflexões e as conexões necessárias, mas de ser, o referido projeto, um canal de real publicação de materiais específicos para escolas indígenas. E essa é uma grande contribuição para a educação escolar indígena, já que a maioria das escolas trabalham e recebem apenas os materiais didáticos provenientes do MEC, sem atender às especificidades e o contexto dos povos indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trata da reflexão de narrativas de um pequeno recorte da dissertação de mestrado da primeira autora, desenvolvida no programa de pós-graduação em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural”, da Unemat. Trata-se de uma reflexão sobre o histórico do povo Apiaká e desenvolvimento da docência na aldeia Mayrob, a partir de conexões com a formação no curso de Pedagogia Intercultural, da Faculdade Indígena Intercultural – Unemat; e a formação continuada do projeto *Ação Saberes Indígenas na Escola*, destacando-se, pela narrativa construída, uma experiência vivenciada em uma realidade educativa, em que trazemos a descrição da compreensão do processo da pesquisa.

A narrativa aqui produzida aborda que uma formação complementa a outra, que as formações sempre trazem um pouco da pedagogia do povo Apiaká da aldeia Mayrob de Juara-MT. O projeto trouxe contribuições para o processo de alfabetização, pois foi através do projeto *Saberes Indígenas*, que se construiu toda essa reflexão de buscar, de fato, a pesquisa para junto da escola. Uma pesquisa para fortalecimento da língua originária, num trabalho em coletividade com toda a equipe escolar, em processo de pesquisa. Além disso, constitui-se como uma ação importante no estado de Mato Grosso.

De acordo com Ferreira *et al* (2020), o projeto produz uma análise da alfabetização como processo sociolinguístico, dialogando com o sentido amplo do uso político das línguas

indígenas, além de ser um espaço estratégico de produção de materiais pedagógicos (didáticos) e espaço de aprender a aprender em coletividade.

Assim, consideramos que os registros produzidos nesta narrativa, os materiais pedagógicos (didáticos) produzidos na aldeia, em articulação com a formação inicial e em pesquisa no mestrado, foram de suma importância para pensar a alfabetização e o letramento na compreensão da cultura Apiaká.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara, ZOIA, Alceu, & GRANDO, Beleni Salete. (2020). **Aprendizagens dos saberes indígenas na escola: Desafios para a formação de professores/as indígenas**. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 28(165). <https://doi.org/10.14507/epaa.28.4790>

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara, ZOIA, Alceu e ALMEIDA, Elizabeth Rezende. Produção de materiais pedagógicos (didáticos) em escolas indígenas: uma parceria entre universidades e aldeias. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 1–277, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/6404> Acesso em: 03 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KRIXI, Ivanete. **Pedagogia Apiaká na Aldeia Mayrob de Juara–MT: Contribuições no Processo de Alfabetização**. (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024.

LUCIANO, R. R. de F., LUCIANO, G. J. dos S., & Simas, H. C. P. (2019). **Experiências e desafios de alfabetização bilíngue e intercultural à luz da ação saberes indígenas na escola**. In B. S. Grandó, E. M. Dunck-Cintra & A. Zoia (Orgs.), *Saberes indígenas na escola e a política de formação de professores indígenas no Brasil* (Vol. 9; pp. 25-45). EdUFMT.

MELIÀ, Bartomeu. A educação indígena na escola. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 49, Dezembro, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/LP3BV6QHbqSgTdPYXT9YZFG/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 17 de dez. 2024.

OLIVEIRA, Leandro Escobar de, NASCIMENTO, Ronélia do, FERREIRA, Waldinéia Antunes Alcântara. **Construindo saberes por meio do projeto interculturalizando talentos**. *Cadernos de Pesquisas Educacionais*, Vol.4, 2015. Disponível: <https://periodicos.unemat.br>

Recebido em 01 de dezembro de 2024

Aprovado em 15 de dezembro de 2024

Publicado em 19 de dezembro de 2024

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

